



**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS AMBIENTAIS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM TECNOLOGIAS AMBIENTAIS**

**LAIS EUGENIA VIEIRA DA SILVA COIMBRA**

**A PESCA ARTESANAL EM PILAR - AL: UM OLHAR ETNOICHTIOLÓGICO**

**Marechal Deodoro**

**2025**

**LAIS EUGENIA VIEIRA DA SILVA COIMBRA**

**A PESCA ARTESANAL EM PILAR - AL: UM OLHAR ETNOICHTIOLÓGICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Ambientais (Modalidade Mestrado Profissional) como requisito para a obtenção do título de Mestra em Tecnologias Ambientais.

**Orientador:** Prof. Dr. Joabe Gomes de Melo

**Marechal Deodoro**

**2025**



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Instituto Federal de Alagoas**  
***Campus* Marechal Deodoro**  
**Biblioteca Dorival Apratto**

---

577

C679p

Coimbra, Lais Eugenia Vieira da Silva.

A pesca artesanal em Pilar – AL : um olhar etnoictiológico / Lais Eugenia Vieira da Silva Coimbra. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 5,31 MB). – 2025.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: Internet.

Orientação: Prof. Dr. Joabe Gomes de Melo.

Dissertação (Mestrado em Tecnologias Ambientais) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus* Marechal Deodoro, Marechal Deodoro, 2025.

1. Conhecimento ecológico local. 2. Etnoictiologia. 3. Recursos pesqueiros. I. Melo, Joabe Gomes de. II. Título.


---

## LAIS EUGENIA VIEIRA DA SILVA COIMBRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Ambientais (Modalidade Mestrado Profissional) como requisito para a obtenção do título de Mestra em Tecnologias Ambientais.

Aprovada em 25 de julho de 2025.


### Orientador:

Documento assinado digitalmente  
 **JOABE GOMES DE MELO**  
Data: 04/11/2025 19:19:56-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---


Dr. Joabe Gomes de Melo - IFAL / Campus Maragogi

### Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente  
 **TIAGO BENTO DE OLIVEIRA**  
Data: 04/11/2025 19:07:36-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Dr. Tiago Bento de Oliveira / Campus Maragogi

Documento assinado digitalmente  
 **DANIEL DE MAGALHAES ARAUJO**  
Data: 04/11/2025 19:02:22-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Daniel de Magalhães Araújo / Campus Maceió

Documento assinado digitalmente  
 **JORDANA RANGELY ALMEIDA SANTOS DE OLIVEIRA**  
Data: 04/11/2025 16:15:04-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Dra Jordana Rangely Almeida Santos de Oliveira / Campus Benedito Bentes

**Marechal Deodoro, AL**

**2025**

*Dedico este trabalho a todos os pescadores e pescadoras artesanais, guardiões dos saberes ancestrais, que arduamente realizam suas atividades de pesca. Que este estudo possa honrar o esforço diário de quem, enfrentando desafios e incertezas, transforma a natureza em sustento, cultura e esperança. Este trabalho é, acima de tudo, uma celebração da força, da resiliência e da sabedoria de todos vocês, cuja dedicação inspira e guia os caminhos para um futuro mais sustentável e justo.*

## AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho é resultado de uma jornada marcada por desafios, aprendizados e, principalmente, pelo apoio de muitas pessoas que, direta e indiretamente contribuíram para que ele se tornasse possível.

Agradeço primeiramente a Deus, pela força, saúde e sabedoria concedidas ao longo deste processo.

À minha família, meu esposo Thiago Coimbra, minha mãe e minhas irmãs pela paciência, incentivo e amor incondicional, que foram pilares fundamentais em todos os momentos desta caminhada. Não posso deixar de agradecer a minha filha, Sarah, mesmo pequenina e, chegando ao meio de todo esse processo, trouxe muito ensinamento e incentivo durante essa jornada, sendo minha maior motivação para prosseguir nessa formação.

Aos meus professores e orientadores, pela dedicação, conhecimento compartilhado e pelas orientações que me guiaram na construção deste trabalho. Em especial, ao meu orientador Joabe Gomes de Melo, por toda paciência, compreensão, conselhos valiosos, incentivo e constante apoio.

Em especial, a equipe do laboratório da UFAL Campus Penedo, na pessoa do professor Dr. Cláudio Sampaio, por toda colaboração e apoio nesse processo formativo.

Aos colegas e amigos, em especial à Paloma Sena, pela parceria, troca de ideias e momentos de leveza e incentivo, que tornaram essa etapa mais especial.

Aos meus colegas de trabalho, em especial meu chefe imediato, Marçal Fortes, por todo incentivo, apoio e compreensão.

Aos pescadores e pescadoras artesanais, fonte de inspiração para este estudo, pela generosidade em compartilhar suas vivências e histórias. Este trabalho é também uma forma de retribuir e valorizar suas contribuições para a sociedade e a preservação dos recursos naturais.

Por fim, a todas as pessoas que, de alguma forma, participaram dessa trajetória, meu mais sincero agradecimento. Sem vocês, este sonho não teria se tornado realidade.

Com gratidão,

Laís Vieira Coimbra

*“A pesca dos meus sonhos seria a de antigamente, que a gente jogava a rede e ela vinha cheia de peixe.”*

*Jefferson Darlan, pescador artesanal*

COIMBRA, Laís Eugênia Vieira da Silva. A PESCA ARTESANAL EM PILAR - AL: UM OLHAR ETNOICTIOLÓGICO. N° folhas 63. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Tecnologias Ambientais) – Campus Marechal Deodoro, Instituto Federal de Alagoas, Marechal Deodoro, 2024.

## RESUMO

A pesca artesanal é uma atividade tradicional de grande relevância cultural, econômica e ecológica para comunidades costeiras. Na Laguna Manguaba, em Alagoas, essa prática é fundamental para a subsistência das populações ribeirinhas do município de Pilar. Este estudo, com enfoque etnoictiológico, investigou o perfil socioeconômico dos pescadores, seu conhecimento ecológico, as espécies capturadas, embarcações, técnicas e apetrechos utilizados. A pesquisa, realizada entre os meses de novembro de 2024 a março de 2025, utilizou métodos como entrevistas, rodas de conversa e observações diretas. Constatou-se que a pesca local é majoritariamente de peixes, siri e camarão, com uso de redes de arrasto e canoas a remo ou a motor. As principais espécies pescadas incluem carapeba, bagre, tilápia, manjuba e camurim. Entre os principais desafios identificados estão a baixa escolaridade dos pescadores, a precariedade das condições de conservação e comercialização do pescado, o uso de artes ilegais, a desvalorização de espécies como mandi e bagre e a ausência de apoio governamental. Destaca-se ainda a poluição da Laguna Manguaba, decorrente do despejo de resíduos e esgoto. Tais questões evidenciam a necessidade de políticas públicas voltadas à gestão participativa, educação ambiental, manejo sustentável e apoio técnico às comunidades pesqueiras, reconhecendo o conhecimento ecológico local como fonte essencial para a valorização e caracterização da atividade pesqueira tradicional. O estudo destaca a importância do conhecimento tradicional e propõe a elaboração de uma cartilha para subsidiar políticas de manejo sustentável, com potencial de aplicabilidade internacional e relevância socioambiental.

Palavras-chave: Conhecimento Ecológico Local; Etnoictiologia; Recursos Pesqueiros.

COIMBRA, Laís Eugênia Vieira da Silva. A PESCA ARTESANAL EM PILAR - AL: UM OLHAR ETNOICTIOLÓGICO. N° folhas 63. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Tecnologias Ambientais) – Campus Marechal Deodoro, Instituto Federal de Alagoas, Marechal Deodoro, 2024.

#### ABSTRACT

Artisanal fishing is a traditional activity of great cultural, economic, and ecological importance to coastal communities. In the Manguaba Lagoon, in Alagoas, this practice is essential for the livelihood of the riverside communities of the municipality of Pilar. This study, with an ethnoichthyological focus, investigated the socioeconomic profile of fishermen, their ecological knowledge, the species caught, vessels, techniques, and gear used. The research, conducted between November 2024 and March 2025, used methods such as interviews, discussion groups, and direct observation. It was found that local fishing is primarily for fish, crab, and shrimp, using trawl nets and rowing or motorized canoes. The main species caught include carapeba, catfish, tilapia, manjuba, and camurim. Among the main challenges identified are the low level of education among fishermen, precarious conditions for fish conservation and marketing, the use of illegal fishing gear, the devaluation of species such as mandi and catfish, and the lack of government support. Also noteworthy is the pollution of the Manguaba Lagoon, resulting from the dumping of waste and sewage. These issues highlight the need for public policies focused on participatory management, environmental education, sustainable management, and technical support for fishing communities, recognizing local ecological knowledge as an essential source for the appreciation and characterization of traditional fishing activities. The study highlights the importance of traditional knowledge and proposes the development of a guide to support sustainable management policies, with potential for international applicability and socio-environmental relevance.

Key words: Local Ecological Knowledge; Ethnoichthyology; Fishery Resources.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Quadro síntese da cadeia extrativista do pescado.....	2
Figura 2 - Quantitativo de registros de pescadores no Brasil, Nordeste, Alagoas e Pilar.....	3
Figura 3 - Cadeia de valor sustentável da atividade pesqueira.....	4
Figura 4 - Esquema do Ciclo de vida da pesca artesanal.....	4
Figura 5 - Estrutura óssea da cabeça do bagre (Ariidae).....	9
Figura 6 - Localização geográfica do Complexo Estuarino Lagunar Mundaú-Manguaba (CELMM).....	13
Figura 8 - Vilas dos pescadores da cidade de Pilar-AL 1 (a) e 2 (b), ambas localizadas no bairro Engenho Velho.....	16
Figura 9 - Alto do Santo Cruzeiro da cidade do Pilar-AL.....	18
Figura 10 - Procissão lagunar realizada no mês de fevereiro, em homenagem a São Pedro, padroeiro dos pescadores.....	19
Figura 11 - Marisqueiras atuando no beneficiamento do pescado (siri), bairro do Torrão.....	22
Figura 12 - Pescado exposto ao sol para secagem no bairro do Torrão.....	23
Figura 13 - Canoas a remo e a motor, de madeira e de fibra de vidro, utilizadas pela comunidade pesqueira de Pilar/AL.....	27
Figura 14 - Apetrechos de pesca, chamados tetéia (a) e covo (b), utilizados na pesca artesanal de Pilar-AL.....	28
Figura 15 - Redes de captura utilizadas na pesca artesanal de Pilar-AL, chamadas rede de espera e mijuada (a); redinha (b) e redote (c).....	29
Figura 16 - Disposição de rede com caiçara no interior da laguna Manguaba, município de Pilar-AL.....	31
Figura 17 - Etnoespécie de Carapeba, localizada no município de Pilar-AL.....	32
Figura 18 - Etnoespécie de Camurim, localizada no município de Pilar-AL.....	32
Figura 19 - Etnoespécie de Tibiro, localizada no município de Pilar-AL.....	33
Figura 20 - Etnoespécie de Mandi, localizada no município de Pilar-AL.....	33
Figura 21 - Etnoespécie de Bagre, localizada no município de Pilar-AL.....	33
Figura 22 - Etnoespécie de Xira, localizada no município de Pilar-AL.....	34
Figura 23 - Etnoespécie de Boca de Cavalo, localizada no município de Pilar-AL.....	34
Figura 24 - Etnoespécie de Serrinha, localizada no município de Pilar-AL.....	34

Figura 25 - Etnoespécie de Pirambeba. Espécie exótica localizada no município de Pilar-AL. .....	35
Figura 26 - Etnoespécie de Ubarana, localizada no município de Pilar-AL.....	35
Figura 27 - Etnoespécie de manjuba, localizada no município de Pilar-AL.....	35

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Perfil socioeconômico dos pescadores artesanais da comunidade pesqueira de Pilar/AL.....	20
---	----

## **LISTA DE ABREVEATURAS (opcional)**

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

AMA – Associação dos Municípios Alagoanos

CELMM – Complexo Estuarino-Lagunar Mundaú-Manguaba

CEL – Conhecimento Ecológico Local

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

FAO – Organização das Nações Unidas para Alimentação e a Agricultura

MMA – Ministério do Meio Ambiente

MPA – Ministério de Pesca e Aquicultura

SEPAQ – Secretaria do Estado de Pesca e Aquicultura

SISRGP - Sistema de Registro Geral da Atividade Pesqueira

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>6</b>
2.1. A Etnoictiologia.....	6
2.2. O Complexo Estuarino-Lagunar Mundaú-Manguaba (CELMM).....	9
2.3. A Pesca artesanal e o Conhecimento Ecológico Local (CEL).....	11
<b>3. OBJETIVOS.....</b>	<b>11</b>
3.1 Objetivo geral.....	12
3.2 Objetivos específicos.....	12
<b>4. MATERIAL E MÉTODOS.....</b>	<b>12</b>
4.1 Caracterização do ambiente de estudo.....	12
4.2 Coleta de dados.....	14
4.3 Análise de Dados.....	15
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>16</b>
5.1. A cidade de Pilar.....	16
5.2. Os pescadores de Pilar-AL.....	19
5.3. As embarcações de pesca.....	26
5.4. Apetrechos e artes de pesca.....	27
5.5. As etnoespécies.....	32
<b>6. CONCLUSÕES.....</b>	<b>37</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>
<b>8. APÊNDICES.....</b>	<b>42</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Pesca, de acordo com a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca (Lei Federal nº 11.959, de 29 de junho de 2009) é toda atividade, operação ou ação voltada à captura, extração, apreensão, recolhimento ou colhimento dos recursos pesqueiros. Com cerca de 8.500 km de costa marítima e uma vasta rede de rios, lagoas e manguezais, aproximadamente 12% do total mundial de águas continentais, o Brasil apresenta condições naturais favoráveis para essa prática, que desempenha um papel essencial na subsistência de comunidades tradicionais e na segurança alimentar de milhões de brasileiros (MMA, 2025; EMBRAPA, 2020; GUEBERT *et al.*, 2025).

A atividade pesqueira é desenvolvida em quase todo litoral do Brasil e do mundo, a qual se destaca por sua importância econômica e função social. Segundo dados da FAO (2022), a produção mundial total (pesca e aquicultura) elevou-se a 223,2 milhões de toneladas. Deste total, 185,4 milhões de toneladas foram de animais aquáticos (peixes, crustáceos, etc) e 37,8 milhões de toneladas foram de algas. No mesmo ano, a produção aquícola superou a pesca de captura e alcançou 130,9 milhões de toneladas, enquanto a pesca em captura ficou em 92,3 milhões de toneladas. De acordo com a Embrapa (2020) e a Associação Brasileira de Pesca (2020) o Brasil possui uma produção de pescado de pouco mais de 802 mil toneladas. A Figura 1 apresenta dados da cadeia extrativista do pescado, relativos à produção global e brasileira, consumo, percentual de pesca ilegal, sobrepesca e aspecto econômico.

Atualmente a atividade pesqueira brasileira ainda não possui condições de atender toda a demanda de seu mercado consumidor, em função da prática da atividade de pesca extrativista, junto a outros fatores como: a sobrepesca, aumento populacional e consumo per capita, além da ausência de políticas públicas eficazes para o manejo sustentável da pesca, o que podem ter favorecido o desaparecimento e/ou extinção de algumas espécies. Em função disto, algumas regiões estão atuando com a prática de repovoamento de espécies em áreas marinhas (SAMPAIO, 2020) de instabilidade populacional, assim como em regiões estuarinas, seja em ações que são bastante requeridas por comunidades tradicionais que sofrem com essa problemática.

Figura 1- Quadro síntese da cadeia extrativista do pescado.

## Quadro Síntese - Cadeia Extrativista do Pescado

	<b>PRODUÇÃO GLOBAL (TON)</b>	<b>CONSUMO GLOBAL E DO BRASIL (KG/HAB/ANO)</b>	<b>PESCA ILEGAL (%)</b>	<b>PRODUÇÃO BRASIL (TON)</b>	<b>SOBREPESCA GLOBAL (%)</b>	<b>ASPECTO ECONOMICO</b>
<b>DADOS</b>	Estima-se que a produção global tenha chegado a 223,2 milhões de toneladas. Dessas, 185,4 milhões de toneladas foram de animais aquáticos.	Estima-se que o consumo per capita de alimentos aquáticos foi 20,7 e 10,5 respectivamente.	Estima-se que em média 20% de toda pesca global de captura, seja ilegal, não reportada ou não regulamentada. Isso é, 1 em cada 5 peixes capturados.	Estima-se que o a produção total de pescados de cultivo no Brasil tenha sido de 968.745 toneladas.	Aproximadamente 35,5% das populações pesqueiras estão sobreexploradas.	Em 2024, estima-se que tenha o setor pesqueiro global gerou receitas de US\$ 567,01 bilhões, abrangendo pesca comercial, aquicultura e processamento de pescado.
<b>REFERÊNCIAS</b>	FAO, 2022.	FAO, 2022.	IBERDROLA, 2022.	Nutrinews, 2024	FAO, 2024.	Business Company, 2025.

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Conforme os dados do Sistema de Registro Geral da Atividade Pesqueira – SISRGP (2024), no Brasil há aproximadamente 1.650.247 de pescadores registrados na categoria de desempenho de atividade pesqueira com fins comerciais. Em 2022, o Nordeste concentrava o maior número de pescadores profissionais com 467.550 registros, representando 47,91% do total do país (Conab, 2022). Em Alagoas o número atual corresponde a 20.645 pescadores e pescadores artesanais registrados (MPA, 2024), representando 1,251% do total do país (Figura 2).

Figura 2 - Quantitativo de registros de pescadores no Brasil, Nordeste, Alagoas e Pilar.



Fonte: SISRGP (2024), CONAB (2022), MPA (2024). Elaborado pela autora, 2025.

A pesca artesanal é uma atividade de grande relevância social, econômica e cultural no Brasil, sendo caracterizada como um conjunto de atividades de exploração aos recursos pesqueiros, associada a outras atividades (Diegues, 1983) de papéis históricos, ligados à subsistência familiar e ganhos financeiros (Calado, 2010).

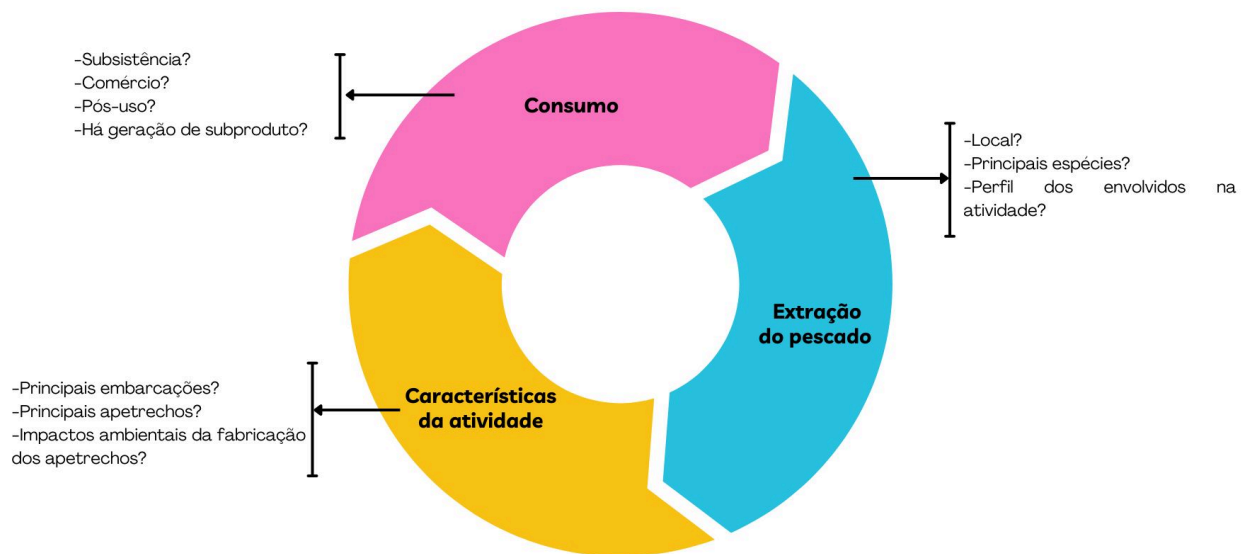
Um ponto importante a ser destacado na atividade pesqueira artesanal é a análise do ciclo de vida, objetivando o desenvolvimento da atividade de forma mais sustentável e ecoeficiente. Segundo Montenegro *et al.* (2021) e Ruiz-Salmón *et al.* (2021), tanto a pesca artesanal quanto a industrial se desenvolvem seguindo as mesmas fases, a saber: extração do pescado, processamento e a comercialização, sendo os aspectos que fazem distinção entre essas duas categorias de pesca os mecanismos de captura e o porte das embarcações. Dentro do ciclo de vida da atividade pesqueira artesanal desenvolvida na comunidade estudada é perceptível a existência do pós-uso, por meio do artesanato desenvolvido com uma espécie de pescado disponível na região. Assim, a prática de modelos de compartilhamento em sistemas extrativistas atesta a possibilidade de criação de cadeias de valor mais sustentáveis para a pesca artesanal, contribuindo para o pós-uso do produto por meio da economia circular, conforme ilustra o esquema apresentado nas Figuras 3 e 4.

Figura 3 - Cadeia de valor sustentável da atividade pesqueira.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Figura 4 - Esquema do Ciclo de vida da pesca artesanal.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

No estado de Alagoas, sendo responsável pelo sustento de milhares de famílias que dependem dos recursos pesqueiros para subsistência e comércio, a pesca artesanal está presente em diversas comunidades tradicionais. Entre os principais sistemas aquáticos que sustentam essa atividade, a Laguna Manguaba, localizada na região estuarina do Complexo Estuarino-Lagunar Mundaú-Manguaba (CELMM), se destaca por sua importância ecológica e

econômica. Com uma área de aproximadamente 42 km<sup>2</sup>, essa laguna representa um ambiente estratégico para a reprodução e desenvolvimento de diversas espécies aquáticas, incluindo peixes, crustáceos e moluscos, que sustentam a pesca artesanal local (SOUZA *et al.*, 2021).

O CELMM é caracterizado por uma alta produtividade biológica, resultante da interação entre águas fluviais e marinhas, criando um habitat favorável para diversas espécies de interesse comercial, como o camarão sete-barbas (*Xiphopenaeus kroyeri*), o siri-azul (*Callinectes sapidus*), e peixes como a tainha (*Mugil curema*) e o robalo (*Centropomus undecimalis*) (SILVA *et al.*, 2020). Na Laguna Manguaba, a pesca artesanal se estrutura a partir de conhecimentos tradicionais passados entre gerações, utilizando técnicas como redes de emalhe, tarrafas, covos, tetéias e armadilhas fixas. Esse conhecimento empírico, aliado à adaptabilidade dos pescadores, garante a continuidade da atividade ao longo do tempo, mesmo diante de desafios ambientais e socioeconômicos.

Entretanto, a pesca artesanal na Laguna Manguaba enfrenta diversos obstáculos que ameaçam sua sustentabilidade. Entre os principais desafios ambientais, destacam-se: a poluição hídrica causada pelo lançamento de esgotos domésticos e industriais, o desmatamento das margens e a crescente urbanização desordenada ao redor do sistema lagunar, que comprometem a qualidade da água e a biodiversidade local (FERNANDES *et al.*, 2019). Além disso, a sobrepesca, a falta de ordenamento da atividade pesqueira e a captura de espécies em períodos reprodutivos contribuem para o declínio dos estoques pesqueiros, agravando a vulnerabilidade socioeconômica dos pescadores artesanais, que já enfrentam condições de trabalho precárias e instabilidade nos rendimentos.

De acordo com o Programa Pesca para Sempre (2025), da *Rare Brasil*, o gerenciamento insustentável da pesca costeira brasileira coloca em risco os benefícios gerados pela conservação da biodiversidade e compromete a segurança alimentar e de renda das comunidades envolvidas, por gerações. Dessa forma, é perceptível a necessidade do fortalecimento da gestão pesqueira que envolva as comunidades, uma gestão participativa que possua um olhar etnoecológico, por meio do desenvolvimento de trabalhos em parceria com as lideranças locais, associações, organizações, universidades e os órgãos de governo.

Do ponto de vista social, a atividade pesqueira na região é marcada por desafios históricos relacionados à falta de políticas públicas efetivas para a valorização e proteção dos pescadores artesanais. A informalidade da profissão, a baixa representatividade e apoio

político, além da ausência de incentivos para o manejo sustentável dos recursos pesqueiros são aspectos que dificultam a implementação de estratégias de gestão eficazes. Programas de ordenamento pesqueiro, como a criação de períodos de defeso, repovoamento de espécies e a delimitação de áreas de preservação, muitas vezes são ignorados ou pouco fiscalizados, resultando em impactos negativos para a reprodução dos estoques pesqueiros e para a segurança alimentar das comunidades ribeirinhas (COSTA *et al.*, 2021).

Diante desse cenário, torna-se essencial compreender a dinâmica da pesca artesanal na comunidade pesqueira ribeirinha à Laguna Manguaba, da cidade de Pilar, considerando não apenas os aspectos ecológicos, mas também os fatores sociais, econômicos e culturais que influenciam essa atividade tradicional. A carência de estudos científicos que abordem o conhecimento do pescador artesanal sobre a pesca e toda sua caracterização na Laguna Manguaba é o que torna este estudo relevante. Assim, este estudo tem como objetivo, sob o enfoque da etnoictiologia (ciência que considera o conhecimento popular e local), caracterizar o pescador e a pesca artesanal na região, identificando seus perfis socioeconômicos, suas artes de pesca, embarcações utilizadas e espécies existentes na região estudada, bem como os principais desafios enfrentados pelos pescadores, considerando o conhecimento ecológico local como principal fonte de informações. Além disso, pretende-se discutir o papel das políticas públicas e das iniciativas comunitárias na preservação do ecossistema lagunar e na melhoria das condições de vida das populações que dependem da pesca artesanal como fonte primária de renda e alimentação.

## **2. REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1. A Etnoictiologia**

A etnoictiologia é o ramo da etnozootologia, que se concentra na análise das relações estabelecidas entre as culturas humanas e os animais, corroborando o entendimento de Bahuchet (1992), que definiu que a etnoictiologia corresponde a um capítulo da etnozootologia, sendo esta o “estudo dos conhecimentos do Homem sobre os animais e também dos usos da fauna pelo Homem”. Assim, a etnozootologia se caracteriza como uma ramificação da etnobiologia, assim como a etnoecologia, a etnobotânica, entre outras (BARBOZA *et al.*, 2021).

Essa ciência envolve a interdisciplinaridade de conhecimentos e crenças (conhecimentos e crenças), dos sentimentos (representações e sensações afetivas) e dos comportamentos (Marques, 2001) e, vem sendo objeto de pesquisas e publicações científicas em todo mundo, desde 1967, quando foi empregado por Morrill e por Anderson Jr., na Califórnia. Este último abordou a classificação de peixes por pescadores artesanais de Hong Kong, o que o tornou uma referência básica para futuros estudos ictiológicos (MARQUES, 2012).

A etnoictiologia pode ser compreendida a partir de distintas abordagens epistemológicas. Uma delas, de caráter mais restritivo, insere-se no escopo da etnociência, dedicando-se à investigação dos sistemas de conhecimento ictiológico elaborados, a partir das práticas cotidianas dos pescadores transmitidos de geração em geração, e desenvolvidos à margem da ciência ocidental, com enfoque mais cognitivo, permanecendo no campo dos “saberes”. Essa perspectiva, conforme discutem Toledo (1992) e Posey (1986), adota uma abordagem centrada nos processos de conhecimento, concentrando-se na dimensão dos saberes tradicionais e na valorização dos conhecimentos locais como sistemas coerentes e sustentados por evidências empíricas. No campo específico da etnoictiologia, autores como Begossi (1995, 2004) e Clauzet et al. (2005) destacam a importância de compreender as nomenclaturas, classificações e relações ecológicas construídas pelas comunidades pesqueiras como parte de um conhecimento estruturado sobre os recursos aquáticos.

No Brasil, há autores que abordam a etnoictiologia como o foco de estudos, por meio da análise de como o conhecimento sobre peixes é transmitido e preservado ao longo das gerações, como é o caso de Begossi e Garavello (1990), com pescadores do médio Tocantins; de Marques (1992) que disserta o conhecimento tradicional sobre peixes, enfatizando a importância ecológica desse saber; e de Begossi (1992) que explora a relação entre comunidades pesqueiras e os recursos ictiológicos, com destaque em práticas sustentáveis e manejo tradicional. E, ainda, outros que, segundo Marques (2012) apresentam de forma implícita o objetivo da pesquisa ictiológica, como Maranhão (1975) que discute aspectos relacionados ao conhecimento sobre peixes em contextos culturais específicos; e Silva (1989) que contribui com reflexões sobre a transmissão de conhecimentos ictiológicos em comunidades tradicionais, ressaltando a relevância desse saber para a identidade cultural.

No Brasil, nota-se que o período entre 1986 a 1990 é considerado uma espécie de marco inicial da pesquisa etnoiclotológica brasileira (MARQUES, 2012). No entanto, o marco da supremacia da publicação científica foi por meio de dois biólogos, em 1990, por meio do resultado de pesquisas realizadas no período de outubro de 1987 a junho de 1988, com pescadores do médio Tocantins (BEGOSSI e GARAVELLO, 1990).

Importante ressaltar ao entendimento de Marques (2012), sobre a etnoictiologia, a qual pode ser vista sob diferentes ópticas, uma delas é por meio do desenvolvimento da etnociência, isto é, tendo um enfoque mais cognitivo, permanecendo no campo dos “saberes”. Outra visão é mais ampla, englobando aspectos tanto cognitivos quanto comportamentais, através da compreensão da interação existente entre o homem e os peixes.

Assim, a etnoictiologia pode ser entendida como o estudo das inter-relações dos grupos humanos com os peixes, em dada cultura (POSEY, 1986; MARQUES, 2012). Embora seja objeto antigo e tradicional de pesca, o peixe também é objeto tradicional de interesse alimentar, no entanto há cadeias tróficas um tanto complexas que podem repercutir nas populações, como reguladores, terminando em expansão, restrição ou até mesmo ameaçando-se de extinção. Um ponto curioso a ser levantado na etnoictiologia é a sacralização que ocorre nas cadeias trófico-culturais, por meio da forte conexão entre o cristianismo e os peixes, exemplo disso é o caso do “crucifixo de peixe”, objeto cultural resultante de objeto natural anatômico do crânio de bagres (Ariídeos), o qual é instrumento de comércio em Miami, no Caribe (MARQUES, 2012) e artefato artesanal e também comercial na comunidade de Pilar, em Alagoas (Figura 5).

Figura 5 - Estrutura óssea da cabeça do bagre (Ariidae).



Fonte: Dados da autora, 2023.

## 2.2. O Complexo Estuarino-Lagunar Mundaú-Manguaba (CELMM)

De acordo com Blaber (2000), os estuários por meio de sua riqueza e complexidade estrutural de habitats são caracterizados como excelentes berçários para inúmeras espécies de peixes e invertebrados. Parte dessa riqueza de recursos ficam disponíveis na zona entremarés e durante o baixamar, o que proporciona a coleta manual de mariscos, caranguejos, siris e outros invertebrados presentes nos ambientes estuários. Dessa forma, contribui-se para a subsistência e o modo de vida de milhares de famílias ribeirinhas em todo o mundo, acrescentando importante valor sociocultural aos ecossistemas estuarinos (LACERDA *et al.* 2014).

O Complexo Estuarino-Lagunar Mundaú-Manguaba (CELMM), localizado no litoral médio do estado de Alagoas, é uma das áreas estuarinas mais importantes do Nordeste brasileiro. Inserido na Bacia Hidrográfica do rio Mundaú, compreende uma extensão de aproximadamente 69 km<sup>2</sup>, formada por dois grandes estuários interligados: a laguna Mundaú (27 km<sup>2</sup>) e a laguna Manguaba (42 km<sup>2</sup>) (SILVA, 2008). O complexo é formado por diversos

ecossistemas costeiros, tais como manguezais, restingas e recifes de coral, que são habitats essenciais para uma grande diversidade de espécies de fauna e flora.

O CELMM, pela riqueza de suas águas e sua extensão, constitui um sistema potencial econômico e possível de ser reaproveitado por meio de um gerenciamento adequado de suas águas, sem trazer prejuízos ao meio ambiente. É caracterizado por ser um ambiente estuário, com significativo aporte de nutrientes, no qual se desenvolve uma série de organismos importantes para alimentação humana (SILVA, 2008). Outro fator preponderante no complexo, quando se diz respeito a fatores abióticos, é a salinidade, caracterizada como um importante regulador de distribuição e abundância de macrocrustáceos na região. Há dados na literatura que mostram que, num período de um ano, a salinidade pode variar de 0,16 (média mínima no inverno) a 16,0 (média máxima no verão) (MARQUES, 1991). Ainda nos fatores abióticos, a temperatura das águas pode ser classificada como uniforme, segundo Marques (1991), o pH varia sazonalmente sendo mais ácido no período chuvoso e mais alcalino no período seco, sendo caracterizado como um parâmetro de extrema variabilidade, assim como a salinidade. O clima da região é classificado como tropical semiúmido, com períodos secos e úmidos bem definidos (JUCÁ, 2020). Importante destacar que, de acordo com as discussões de Marques (1991) e Melo e Teixeira (1992), os efeitos da salinidade influenciam na distribuição dos peixes nessa região estuarina.

No entanto, há outros fatores antrópicos que influenciam na distribuição das espécies no CELMM, como o despejo de resíduos sólidos e líquidos no meio lagunar, que aceleram o processo de degradação ambiental causando alteração da qualidade das águas e, conseqüentemente, das formas de vida do ecossistema aquático (NOVAIS, 2022).

É relevante evidenciar que a bacia hidrográfica do Mundaú vem sofrendo sérios problemas de degradação ambiental. De acordo com Da Silva (2008), começaram a acontecer mortalidade de peixes, em 1999 e 2000, e segundo o Plano de Ações e Gestão Integrada do Complexo Estuarino-Lagunar (MMA, 2005) o processo de degradação ambiental é acelerado pelo lançamento de efluentes domésticos e industriais não tratados, assoreamento e desperdício de recursos naturais, fragilidade institucional da gestão das águas, destruição progressiva da vegetação ciliar e restingas, isolamento e acessos às praias por empreendimentos particulares, expansão da atividade imobiliária e ocupação de terrenos da marinha (Ministério do Meio Ambiente, 2005).

Dentro desse cenário, há uma comunidade com recursos humanos e naturais disponíveis, além de ser capaz de desenvolver atividades pesqueiras de forma produtiva, economicamente sustentável e socialmente organizada.

### **2.3. A Pesca artesanal e o Conhecimento Ecológico Local (CEL)**

A pesca artesanal é uma técnica de exploração do ambiente aquático que permite grande diversidade de interações diretas com o ambiente. Através de experiências cotidianas e o relacionamento entre os membros da comunidade é possível repassar técnicas aos envolvidos na atividade pesqueira de determinada região. Assim, é possível estabelecer uma relação entre o conhecimento dos pescadores e suas vivências compartilhadas de geração em geração com uma espécie de transmissão cultural e hierárquica (MARQUES, 1992; PAZ e BEGOSSI, 1996).

De acordo com Marques (1992), as pesquisas etnoictiológicas têm revelado o conhecimento profundo que os pescadores possuem sobre suas presas e vários autores têm chamado a atenção para esse tipo de conhecimento que é possuído por pescadores brasileiros. Dessa forma, é notória a importância do conhecimento etnoecológico local (CEL) dos pescadores das comunidades pesqueiras como forte contribuidor do desenvolvimento da pesca artesanal. Daí, têm-se a importância de desenvolver estudos etnoecológicos que visem valorizar o conhecimento ecológico local.

Nesse contexto, sob a ótica da etnoecologia, este projeto possui o intuito de realizar pesquisa etnoecológica de forma a caracterizar a atividade pesqueira de uma comunidade pertencente ao Complexo Estuarino Lagunar Mundaú-Manguaba (CELMM), abordando aspectos ligados a socioeconomia dos pescadores, as espécies capturadas, às embarcações, técnicas e apetrechos empregados na pesca artesanal dessa comunidade, mais especificamente no município de Pilar, estado de Alagoas. Baseado nos dados obtidos, este estudo pretende entregar uma cartilha para a Associação e Colônia de Pesca do município estudado, o qual poderá ser classificado como um material de ordenamento/manejo da atividade pesqueira, além de servir como fonte de informações técnicas para a comunidade acadêmica.

## **3. OBJETIVOS**

### **3.1 Objetivo geral**

Realizar uma caracterização social, econômica e cultural do pescador e da pesca, bem como dos principais desafios enfrentados pelos pescadores, considerando o conhecimento ecológico local, em Pilar – AL.

### **3.2 Objetivos específicos**

- Comparar os dados sociodemográficos de pescadores da comunidade estudada com os de pesquisas anteriores, realizadas no CELMM;
- Identificar as espécies de peixes encontradas na região de estudo;
- Caracterizar os apetrechos, embarcações e práticas culturais utilizadas na atividade pesqueira.

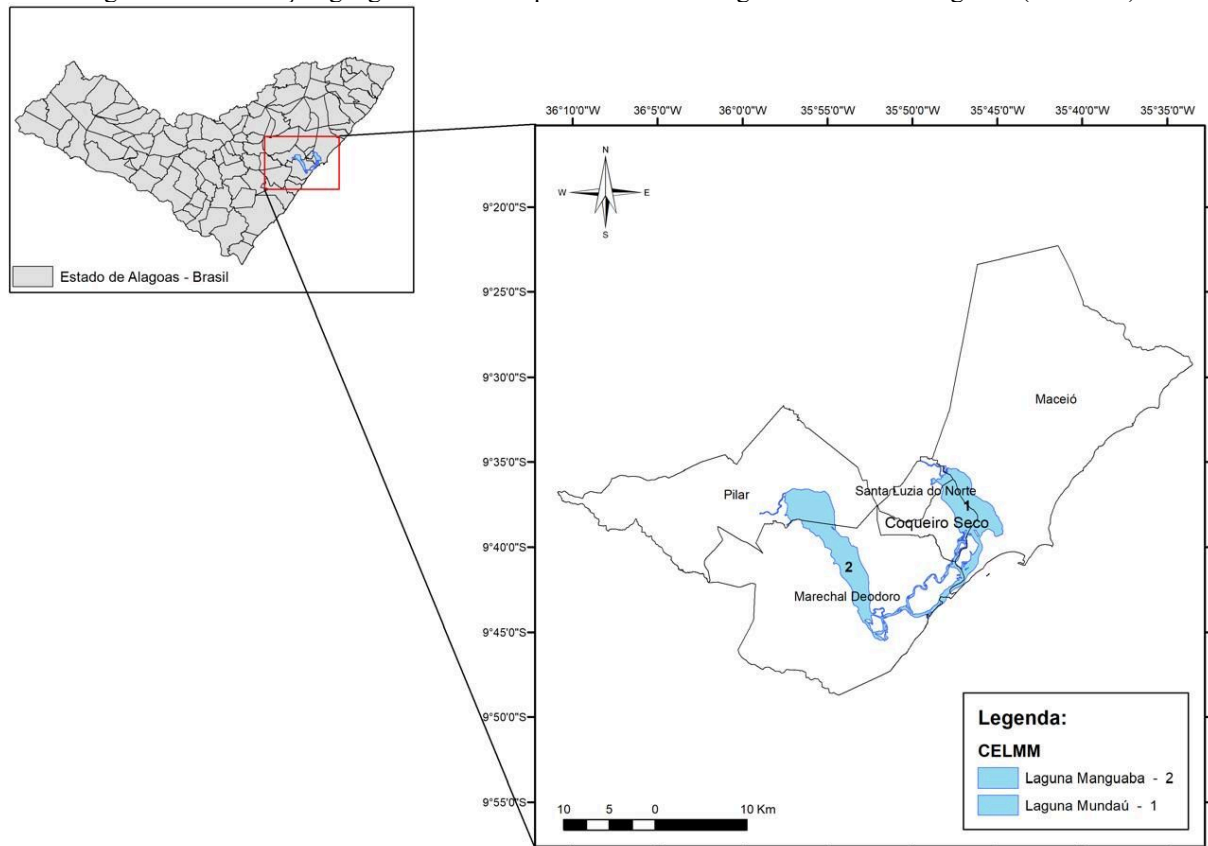
## **4. MATERIAL E MÉTODOS**

A pesquisa foi desenvolvida em uma comunidade pesqueira pertencente ao Complexo Estuarino-Lagunar Mundaú-Manguaba (CELMM), situada na cidade de Pilar (9°35'50"S; 35°57'24"O), entre os meses de novembro de 2024 a março de 2025.

### **4.1 Caracterização do ambiente de estudo**

O CELMM (Figura 6) é composto pelas lagunas Mundaú e Manguaba, situa-se dentro da Bacia do Rio Mundaú, que tem uma área de 4.126 km<sup>2</sup> e compreende 30 municípios. Pode-se dizer que o complexo estuarino é caracterizado, por sua extensão e riqueza de suas águas, como um dos maiores estuários do Brasil, além de ser um sistema expressivo de potencial econômico e ambiental (DA SILVA, 2008).

Figura 6 - Localização geográfica do Complexo Estuarino Lagunar Mundaú-Manguaba (CELMM).



Fonte: Elaboração da autora, 2025.

## 4.2 Coleta de dados

No período de definição da pesquisa, buscou-se demandas pela comunidade pesqueira, dentre as quais surgiu a ideia de caracterizar a pesca na região da Laguna Manguaba, com destaque para o conhecimento ecológico local dos pescadores artesanais.

Em trabalhos de campo etnobiológicos/etnoecológicos, comumente são utilizadas entrevistas como técnica de pesquisa. Nesta perspectiva, foram utilizados métodos qualitativos, quais sejam: aplicação de questionários semiestruturados (Apêndice F), questionários livres (Apêndice A), turnê guiada (Apêndice C), rodas de conversa (Apêndice B), observações diretas e reconhecimento fotográfico para serem obtidos dados socioeconômicos, culturais, métodos, materiais, natureza da pesca e espécies de peixes explorados na região. Também foram realizadas gravações de vídeo e de áudio, de forma a registrar todo o diálogo, uma vez consentidas pelo entrevistado (Apêndice D e Apêndice E).

Antes do início da pesquisa, o projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEPSH), por meio do registro CAAE 82080223.4.0000.0195 e parecer 7.259.312, tendo obtido aprovação e liberação para a sua realização.

Observando-se os aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, os objetivos foram explicados aos membros da comunidade, sendo solicitada a permissão dos mesmos por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foi solicitada aos participantes a permissão para uso da imagem e do som, por meio da assinatura do Termo de autorização de uso de imagem, som de voz e depoimentos para fins de pesquisa.

Importante destacar que os dados obtidos e coletados durante a pesquisa serão utilizados apenas para as finalidades descritas no protocolo de pesquisa, conforme Declaração sobre a destinação dos dados coletados aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Para os pescadores que não assinam o termo foi coletada a digital por meio do coletor digital da marca trodat 9094 ø 41mm.

A coleta de dados foi realizada em duas etapas. A primeira baseada no método “bola de neve” (*snowball*) (GABOR, 2007; SANTOS & SAMPAIO, 2013; CALAZANS *et al.* 2018). Por meio deste método foi possível identificar os pescadores que entendiam do assunto e estes apontaram membros da comunidade que consideravam detentores de conhecimento sobre os temas pesquisados. Assim, os pescadores foram convidados a participar de uma roda de conversa (Apêndice B), onde se obtiveram dados sociodemográficos, além de dados relativos desafios e mudanças enfrentados e as práticas de pesca. Em seguida, os pescadores foram entrevistados com a utilização de um questionário semiestruturado (Apêndice F) para a coleta de dados sobre as espécies capturadas, os apetrechos utilizados, horários habituais de pesca, a frequência da atividade pesqueira, além da coleta de dados socioeconômicos. A segunda etapa da coleta de dados consistiu na realização de entrevistas por meio de questionário livre (Apêndice A) com os pescadores considerados especialistas locais. Por meio do resultado do questionário semiestruturado, os pescadores que possuem maior tempo de engajamento na atividade pesqueira e, por isto, são reconhecidos localmente pela comunidade como formadores e iniciadores das atividades pesqueiras na região, foram os informantes para levantamento etnoictiológico. Assim puderam ser obtidos dados mais aprofundados sobre as espécies encontradas na região do estudo e as mais citadas, da mesma

forma como também foram levantadas informações sobre a descrição dos peixes, o habitat, a sazonalidade, as técnicas de captura empregadas, a reprodução e as etnoespécies conhecidas.

A cadeia de entrevistas foi iniciada pelo presidente da Associação de Pesca de Pilar (S.L.A., 54 anos), reconhecido na comunidade como um pescador experiente. A partir daí, foram realizadas entrevistas individuais com pescadores que possuem maior tempo de engajamento na atividade pesqueira.

### **4.3 Análise de Dados**

Para a análise quantitativa do conteúdo obtido nas entrevistas, foram utilizados os percentuais de respostas dos 50 questionários semiestruturados aplicados, como também dos 15 pescadores, considerados especialistas locais, que além do questionário foram submetidos também à entrevista, por meio de questionário livre. Os dados foram tabulados em planilha eletrônica do programa Microsoft Office Excel, versão 2013, dos quais puderam ser extraídos resultados para discussão, além de recursos imagéticos de gráficos e tabelas.

A verificação das atuais condições de pesca foi realizada por meio do método qualitativo, através da comparação com a literatura existente e da interpretação dos resultados das informações obtidas nos questionários e entrevistas.

O reconhecimento das espécies locais foi realizado com o auxílio de especialistas, por meio de reconhecimento fotográfico. As espécies citadas durante as rodas de conversa e nas entrevistas individuais foram fotografadas no mercado público municipal e enviadas para especialista para reconhecimento fotográfico, em laboratório da Universidade Federal de Alagoas, Campus Penedo.

A pesquisa adotou simultaneamente as nomenclaturas de etnoespécie e espécie científica a fim de integrar o conhecimento tradicional dos pescadores ao rigor científico da taxonomia. Enquanto a etnoespécie reflete a forma como as comunidades locais reconhecem e classificam os peixes com base em critérios práticos e culturais, a espécie científica resulta da identificação realizada por especialistas em laboratório, utilizando métodos padronizados e validação taxonômica. A opção por empregar ambas as nomenclaturas justifica-se pela necessidade de valorizar o saber popular, garantindo a fidelidade ao contexto socioeconômico e cultural da pesca artesanal, ao mesmo tempo em que se assegura a precisão científica e a comparabilidade dos resultados com outras pesquisas e bases de dados oficiais.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1. A cidade de Pilar

Pilar é uma cidade localizada no estado de Alagoas, Nordeste brasileiro, que possui uma comunidade pesqueira ativa, composta por homens e mulheres que usam da pesca para subsistência e fonte de renda familiar. A comunidade pesqueira do município de Pilar é gerida por meio da associação de pesca e da colônia de pescadores Z-8 “Miriam Lima”, fundada no ano de 07 de maio de 1925, e atualmente localizada na Rua Luiz Ramos, s/n, Centro (SEPAQ, 2023), nas quais é possível encontrar 93 pescadores ativos, com faixa etária entre 35 e 70 anos (SISRGP, 2024). De acordo com a AMA (2025) essa mesma comunidade conta com 2 vilas construídas no ano de 2023 e entregues em 2024, para servirem de apoio a atividade pesqueira no município (Figura 7). Essas vilas possuem local para acondicionamento dos apetrechos utilizados e atracagem das embarcações utilizadas.

As técnicas de captura utilizadas na região são caracterizadas por uma grande variedade de redes, entre elas rede de espera, redinha e redote. A principal embarcação utilizada é a canoa a motor e as principais espécies encontradas são carapeba, camurim, mandim, serrinha, tilápia (espécie invasora) e o bagre, peixe que intitula a cidade como “terra do bagre”.

Figura 7 - Vilas dos pescadores da cidade de Pilar-AL 1 (a) e 2 (b), ambas localizadas no bairro Engenho Velho.





Fonte: Dados da autora, 2025.

Além da pesca, a cidade de Pilar também se destaca pelo aspecto cultural e turístico. Um fato curioso que pode ser citado é o artesanato feito através da estrutura óssea da cabeça do peixe bagre marruá (*Arius herbergii*), que é beneficiado e comercializado por artesãs locais (Figura 5). No turismo, a cidade se destaca pelo aspecto religioso, tendo como principal ponto de visitação o Santo Cruzeiro, localizado na parte alta da cidade (Figura 8). Apesar de reconhecer a importância cultural, turística e econômica da cidade, a atividade pesqueira ainda é destaque também no aspecto religioso por meio da contribui o dos pescadores na festividade da padroeira da cidade Nossa Senhora do Pilar (Figura 9). No entanto, os pescadores ainda relatam o enfrentamento a diversos desafios, como a falta de estrutura para o desenvolvimento da atividade pesqueira, seja na comercializa o do pescado, na ausência de políticas públicas para o manejo sustentável ou na falta de monitoramento do pescado.

Figura 8 - Alto do Santo Cruzeiro da cidade do Pilar-AL.



Fonte: Assessoria de Comunicação - ASCOM – Pilar, 2022.

Figura 9 - Procissão lagunar realizada no mês de fevereiro, em homenagem a São Pedro, padroeiro dos pescadores.



Fonte: Pastoral da Comunicação, PASCUM – Pilar, 2025.

## 5.2. Os pescadores de Pilar-AL

Foram entrevistados 36 pescadores de sexo masculino, uma do sexo feminino e 13 marisqueiras, com idade entre 24 e 85 anos, tendo a maioria de 36 a 65 anos (64,0%) participando ativamente da pesca. Desses, 74,0% possuem entre 16 e 45 anos de experiência na atividade pesqueira, corroborando a informação existente no 4º Boletim Prohort, da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB, 2022; SEAFOOD, 2025), de que na distribuição de pescadores profissionais, a faixa etária de 40 a 50 anos apresenta o maior número de registros e que no geral, a categoria pescadora do país é composta por pescadores

mais velhos com idade entre 40 e 59 anos. Possuem ensino fundamental incompleto (57,45%) e 28,0% possuem a pesca artesanal como complemento da renda familiar (Tabela 1).

Tabela 1 - Perfil socioeconômico dos pescadores artesanais da comunidade pesqueira de Pilar/AL (n amostral = 50).

Características observadas	Pescadores artesanais
<b>Faixa etária</b>	
	<b>Idade</b>
Mínima	24
Máxima	85
<b>Frequência de pesca por semana</b>	
	<b>%</b>
1-2 vezes	2,00
3-4 vezes	8,00
Diariamente	90,00
<b>Escolaridade</b>	
	<b>%</b>
Analfabeto	6,38
Fundamental Incompleto	57,45
Fundamental Completo	2,13
Médio Incompleto	6,38
Médio Completo	27,66

Quando perguntado sobre o bairro de moradia desses pescadores, 74,00% deles residem nos bairros de Engenho Velho e Torrão, corroborando a informação histórica de que o núcleo urbano inicial de Pilar evoluiu a partir do Engenho São Gabriel, que depois ficou conhecido como Engenho Velho, um dos engenhos que deu origem ao município (TICIANELI, 2016). Os bairros mais citados nas entrevistas são ribeirinhos, importantes na fundação e povoamento da cidade, disso os que possuem o maior número de pescadores. Dos entrevistados apenas 2 não residem mais no local onde residiram durante a infância.

Ticianeli (2016) relata que:

“Aos poucos, o porto do **Engenho Pilar** foi se transformando em parada obrigatória para os comerciantes que transitavam entre o **Porto do Francês**, o de Jaraguá em Maceió e **Atalaia**, fazendo prosperar o comércio. A abundância do **pescado** foi outro fator que contribuiu para o desenvolvimento do local.”

Durante as entrevistas os pescadores relataram que sua jornada na pesca artesanal teve início ainda na infância, quando da necessidade de ajudar a família e as principais inspirações eram pais e parentes que já desempenhavam a atividade pesqueira.

Com relação aos principais desafios enfrentados na atividade pesqueira, o maior relato foi para a falta de apoio do governo (31,76% dos entrevistados), seguido da poluição na laguna (25,88%). Muitos entrevistados citam que se sentem desvalorizados, que a classe de pescadores não é vista pelo poder público, devendo este apoiar mais a classe para que a pesca artesanal se mantenha viva e passe de geração em geração. Esse fator da transmissão de conhecimento pesqueiro é algo relevante e que preocupa, pois a grande maioria dos conselhos ouvidos durante as entrevistas giravam em torno do não incentivo aos filhos e jovens que pensam em seguirem a carreira de pescadores, uma vez que a atividade é árdua, sem apoio e “sem futuro”.

Tanto nos questionários semiestruturados, quanto nos questionários livres, os pescadores relataram a existência de muito lixo na laguna, o que é caracterizado como um obstáculo para o desenvolvimento da atividade pesqueira, que às vezes rasga até as redes. Ainda, quando questionados quanto à mudança da pesca artesanal ao longo dos anos, os pescadores citam a diminuição da quantidade de pescado, o que pode estar relacionado à poluição no ambiente lagunar.

“Mudou muita coisa, tem muito lixo na laguna e as espécies diminuíram.”

*A.S., 67 anos, pescador artesanal*

“Mudou muito, às vezes vai e pega peixe, outra vez não pega nada.”

*M. G. S., 70 anos, pescador artesanal*

As atividades de pesca são realizadas predominantemente por homens, os quais atuam principalmente na captura do pescado, enquanto as mulheres atuam no beneficiamento e comércio do siri, quando este está disponível na laguna, e na salga e secagem dos peixes (Figura 10), conforme dados obtidos nas entrevistas, concordando com o dito por Condini *et al.* (2007); Santos & Sampaio (2013), que os homens são atores ativos na pesca enquanto as mulheres atuam no beneficiamento. Com relação aos camarões, não é exercida a atividade de beneficiamento, apenas a captura e venda do pescado. Sururu não foi uma espécie de pescado citada nas entrevistas como existente na região estudada da Laguna Manguaba.

Figura 10 - Marisqueiras atuando no beneficiamento do pescado (siri), bairro do Torrão.



Fonte: Dados da autora, 2025.

As marisqueiras submetidas ao questionário semiestruturado relataram sua rotina de trabalho, a qual é caracterizada pela atuação no beneficiamento durante o horário diurno, sendo pela manhã a atividade dedicada ao beneficiamento de peixes e o horário da tarde ao do siri.

Na atividade de mariscagem, por dia, é possível realizar o beneficiamento médio de 5 kg de siri. O correspondente a um balde de siri inteiro rende em média 2kg de filé do siri, que custa R\$ 50,00 (cinquenta reais) para a venda. Desse valor de venda, 50% (cinquenta por cento) é do pescador e 50% (cinquenta por cento) é da marisqueira. Todo o rendimento do filé pós o beneficiamento, é vendido a cerca de R\$ 70,00 (setenta reais) o quilo. Desse valor, as marisqueiras ainda retiram R\$ 10,00 (dez reais) para algum ajudante que atuar na atividade.

“Durante o dia de trabalho “tira”, em média, 5kg de filé de siri. Trabalho de 8h da manhã até umas 19h, tem dias. É um trabalho grande para “tirar” 1 kg do filé de siri que, no final, parece que “tirei” 10 kg”.

*M. A. G. C., 24 anos, marisqueira*

Figura 11 - Pescado exposto ao sol para secagem no bairro do Torrão.



Fonte: Dados da autora, 2025.

Na comunidade estudada, a atividade pesqueira é realizada como forma de subsistência por cerca de 28,00% dos pescadores, para garantir o sustento da família, enquanto 44,00% consideram a pesca como insuficiente para sustento da família, concordando com o observado por Nascimento e Sassi (2007) e Lima & Velasco (2012), que afirmam que os pescadores realizam uma segunda atividade pois a pesca, por si só, não garante o sustento da família. Cerca de 76,09% dos envolvidos na pesquisa fazem parte da colônia de pesca Z-8 e citam que os principais benefícios de estarem adimplentes com a

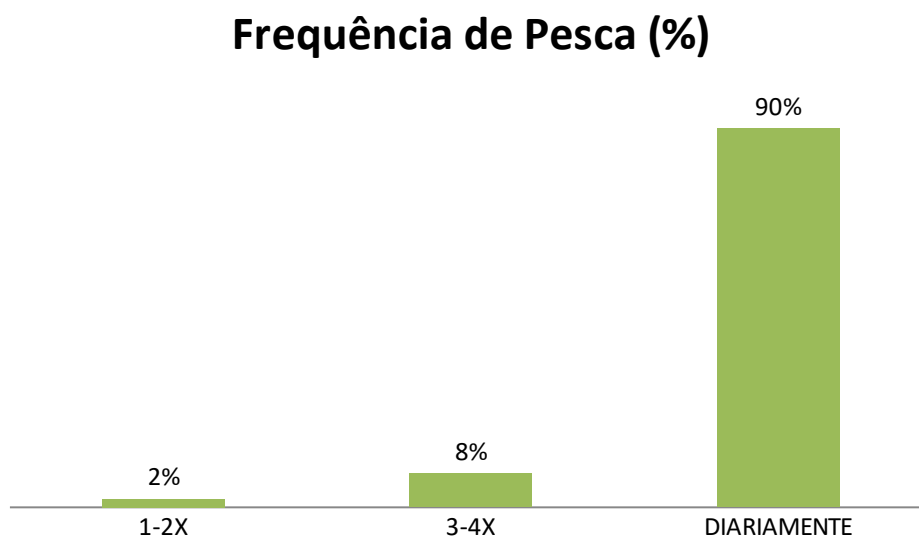
colônia é ter direito a aposentadoria e conseguirem pescar “de forma tranquila” pois, segundo os seus relatos, a inadimplência no pagamento da mensalidade da colônia coloca em risco a atividade pesqueira, pois os órgãos fiscalizadores abordam, recolhem os materiais e os queimam.

“Acontece, em alguns momentos, que a Polícia Florestal aborda o pescador e, se o pescador estiver irregular, eles levam a rede e queimam.”

*V. J. F. S., 41 anos, Pescador artesanal*

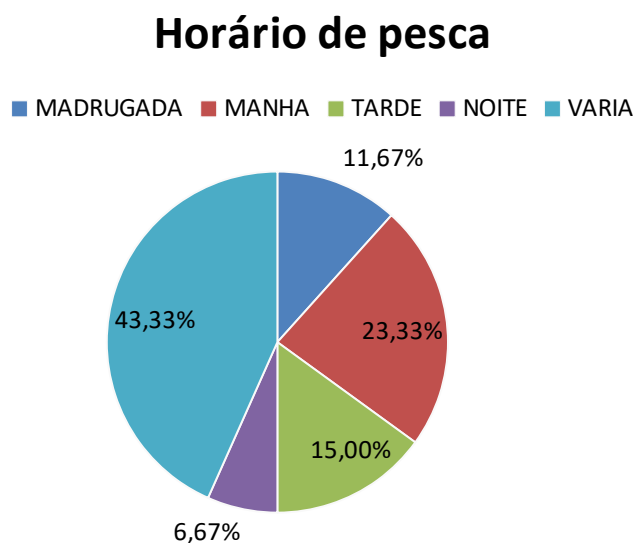
Nesta comunidade a pesca é realizada, predominantemente, durante os cinco dias da semana (90% dos entrevistados), em horário variado, sendo descrito pelos pescadores que o “melhor horário é quando a pesqueira está boa”, ou seja, quando joga a rede e vem peixe. (Gráficos 1 e 2).

Gráfico 1 - Frequência de realização da atividade pesqueira na comunidade de Pilar-AL.



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Gráfico 2 - Horário de realização da atividade pesqueira, comunidade de Pilar-AL.



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Há uma similaridade no grau de instrução de pescadores artesanais do Nordeste brasileiro, aparentando ser uma tendência abordada por autores como Santos & Sampaio (2013); Rezende & Oliveira (2015); Calazans *et al.* (2018). Essa relação pode ser explicada pela idade inicial da atividade pesqueira, uma vez que a grande maioria ingressa na pesca ainda adolescente e não prossegue nos estudos para dar auxílio aos pais na renda familiar. Na comunidade estudada, a maioria dos pescadores entrevistados possuem entre 26 e 45 anos de experiência na atividade pesqueira (56,00%), com idades entre 36 e 55 anos (42,00%), o que demonstra baixa idade no início das atividades.

É possível observar que 52,94% dos pescadores recebem benefício do governo federal, particularmente, o Bolsa Família, assim como fazem parte do programa do governo municipal, o Bolsa Viva Bem. Com isso, é relevante a realização de um estudo que venha a avaliar o impacto dos referidos programas governamentais nos índices socioeconômicos do pescador artesanal e seu grupo familiar.

Uma curiosidade é que a grande maioria dos que participaram das rodas de conversa e daqueles que foram entrevistados, cerca de 85,00%, relatam não desejar que seus filhos se tornem pescadores, uma vez que essa atividade não oferece um futuro próspero, fato também observado por Santos & Sampaio (2013) na comunidade de Fernão Velho-AL. Diante disto,

observa-se que a atividade de pesca artesanal está perdendo sua característica histórica e cultural que é a transmissão de geração em geração.

Dos especialistas locais entrevistados, todos souberam definir o período defeso e até cobram muito a existência dele na região, uma vez que durante a baixa pesqueira, no período do inverno, eles passam por dificuldades financeiras, sendo ainda pior para os que têm a pesca como fonte principal da renda familiar. Assim, eles relatam que os órgãos públicos deveriam adotar essa medida tanto para contribuir com a sustentabilidade da atividade pesqueira quanto para auxiliar o pescador na época de dificuldade na pesca.

### **5.3. As embarcações de pesca**

Quanto às embarcações utilizadas na pesca artesanal na Laguna Manguaba, foi observado o uso de canoa e barco, a remo e a motor (Figura 12). Os materiais de fabricação dessas embarcações são madeira e fibra de vidro. O comprimento dessas embarcações varia de 6,5 a 8,5 metros, com capacidade para 6 ou 8 passageiros. E os motores utilizados nas embarcações possuem potência entre 6,5 e 7,5 hp. Algumas das canoas de fibra existentes na comunidade foram fabricadas por um dos pescadores artesanais entrevistado (M.J.S.P., 28 anos). Quanto às de madeira, os próprios pescadores quem as fabricam, por meio de madeiras como a jaqueira e o pau-amarelo.

Figura 12 - Canoas a remo e a motor, de madeira e de fibra de vidro, utilizadas pela comunidade pesqueira de Pilar/AL.



Fonte: Dados da autora, 2025.

#### 5.4. Apetrechos e artes de pesca

Com relação aos apetrechos e artes de pesca ou instrumentos utilizados para pescar, destacam-se no Pilar, a téeia (a), o covó (b) (Figura 13), as redes de arrasto, de espera = mijuada (a), bem como a redinha (b) e o redote (c) (Figura 14), assim como Santos & Sampaio (2013) descreveram ocorrer na comunidade de Fernão Velho.

Figura 13 - Aparelhos de pesca, chamados tetéia (a) e covo (b), utilizados na pesca artesanal de Pilar-AL.



Fonte: Dados da autora, 2025.

Figura 14 - Redes de captura utilizadas na pesca artesanal de Pilar-AL, chamadas rede de espera e mijuada (a); redinha (b) e redote (c).



Fonte: Dados da autora, 2025.

A rede de arrasto destaca-se como a arte de pesca mais utilizada (31,94%), seguida da rede de espera, também conhecida como mijuada (16,67%) e rede de batida (16,67%), da redinha (5,56%) e outras citadas – redote, reduxo, rede de mergulho, tarrafa e caiçara (11,11%). A Figura 16 ilustra a disposição da caiçara no interior da laguna Manguaba.

A rede de arrasto possui duas denominações, a redinha que se destaca por ser uma arte com cerca de 60 braças, o que corresponde a 132m de altura e comprimento variável, e a chulapeira ou saia curta, que se destaca por ser uma arte com cerca de 120 braças, o que

corresponde a 264m. Essas artes são dispostas no ato da pesca e arrastadas com o auxílio da embarcação. Geralmente a malha utilizada na redinha a malha mais fina (5mm) e na chulapeira é a grossa (35 mm). Por esse meio são capturadas diversas espécies, de diversos tamanhos, como: carapeba (*Diapterus sp*), tilápias, bagres e mandins (Ariidae), camurim (*Centropomus paralellus*).

A tetéia é uma armadilha caracterizada como uma esfera feita de arame, com rede de nylon e uma isca pendurada, sendo disposta no fundo da laguna com uma bóia indicadora flutuante. É utilizada para a pesca de siri.

O covo é uma armadilha caracterizada como cilindro, composto de telas de plástico ou de arame, com duas entradas afuniladas e uma porta lateral. Possui em média de 30 a 50 centímetros e é disposto no fundo da laguna, para a captura de crustáceos como o camarão e o siri.

O reduxo é uma arte caracterizada como uma rede pequena, aproximadamente 4 metros de comprimento, 1,5 m de altura e malha entre 7mm e 15 mm entre nós opostos, na qual em cada extremidade prende-se uma vara que é arrastadas por dois pescadores, geralmente em águas rasas, com profundidade inferior a 1,5m. De acordo com o artigo 113 do Código de Caça e Pesca – Decreto nº 23.672/34 essa é uma arte de pesca proibida, quando do uso de malha fina. Diante dessa proibição, essa ainda é uma arte citada na comunidade pesqueira de Pilar, no entanto por apenas um dos pescadores entrevistados.

A rede de batida, prática também ilegal, proibida por meio do artigo 26 do Código de Caça e Pesca - Decreto nº 23.672/34, é caracterizada como sendo uma rede (semelhante à de espera) disposta ao redor de caiçaras ou às margens de manguezal e, em seguida, é realizada a batida na água com uma vara de forma a assustar os peixes, que se deslocam ao encontro da rede. No entanto, mesmo diante de sua proibição, ainda é uma prática bastante realizada, tanto na comunidade pesqueira de Pilar quanto nos arredores.

Figura 15 - Disposição de rede com caiçara no interior da laguna Manguaba, município de Pilar-AL.



Fonte: Dados da autora, 2025.

A tarrafa é caracterizada como uma rede circular, com chumbo na borda e um cabo na parte do centro da rede, chamado “fiel” e que possui a função de puxar o apetrecho. É um apetrecho utilizado para a captura de peixes. É pouco utilizada, sendo citada como arte de apenas um dos pescadores entrevistados.

Percebe-se a tentativa de manter o uso sustentável dos recursos pesqueiros, principalmente pelas proibições existentes, consideradas como estratégias de combate a pesca predatória. No entanto, ainda percebe-se o descumprimento dessas proibições das legislações ambientais vigentes e a pesca ilegal na comunidade estudada.

“O que eu acho que melhoraria a pesca aqui era um lei que proibisse o pescador de colocar a rede na lagoa e deixar lá muito tempo. Tem deles que pesca de mijuada, bota a rede de manhã e só tira um, dois dias depois. Imagine o tanto de peixe morto que vem no meio. Isso atrapalha muito.”

*A. M. S., 85 anos, Pescador artesanal*

### 5.5. As etnoespécies

No ambiente estudado há uma variedade de espécies, principalmente por estar inserida num ambiente estuarino. No levantamento realizado foram registradas etnoespécies, por meio do nome popular. Entre as espécies citadas durante as rodas de conversa, destacam-se: a o Mandi (*Cathorops sp.*), o Bagre (*Cathorops sp.*), a Serrinha (*Lile piquitinga*), a Manjuba (*Anchoa sp.*), a carapeba (*Diapterus sp.*), o camurim (*Centropomus paralellus*), o Tibiro (*Oligoplites palometa*) e a tilápia. Essas últimas são consideradas as espécies de melhor valor comercial e as encontradas mais facilmente na região lagunar de Pilar.

Figura 16 - Etnoespécie de Carapeba, localizada no município de Pilar-AL.



Fonte: Dados da autora, 2025.

Figura 17 - Etnoespécie de Camurim, localizada no município de Pilar-AL.



Fonte: Dados da autora, 2025.

Figura 18 - Etnoespécie de Tibiro, localizada no município de Pilar-AL.



Fonte: Dados da autora, 2025.

Figura 19 - Etnoespécie de Mandi, localizada no município de Pilar-AL.



Fonte: Dados da autora, 2025.

Figura 20 - Etnoespécie de Bagre, localizada no município de Pilar-AL.



Fonte: Dados da autora, 2025.

Figura 21 - Etnoespécie de Xira, localizada no município de Pilar-AL.



Fonte: Dados da autora, 2025.

Figura 22 - Etnoespécie de Boca de Cavalo, localizada no município de Pilar-AL.



Fonte: Dados da autora, 2025.

Figura 23 - Etnoespécie de Serrinha, localizada no município de Pilar-AL.



Fonte: Dados da autora, 2025.

Figura 24 - Etnoespécie de Pirambeba. Espécie exótica localizada no município de Pilar-AL.



Fonte: Dados da autora, 2025.

Figura 25 - Etnoespécie de Ubarana, localizada no município de Pilar-AL.



Fonte: Dados da autora, 2025.

Figura 26 - Etnoespécie de manjuba, localizada no município de Pilar-AL.



Fonte: Dados da autora, 2025.

O mandi (Ariidae) é uma espécie com baixo valor de mercado, no entanto servem como alimentação para a comunidade pesqueira, sendo comercializado na maioria das vezes

seco e salgado, o que o confere uma forte característica socioeconômica. O bagre (Ariidae) é caracterizado como uma espécie sazonal, aparecendo na época de verão e desaparecendo no inverno, de baixo valor de mercado e gastronômico, no entanto o bagre marruá possui inerente característica cultural, uma vez que possui estrutura óssea da cabeça assemelhada ao crucifixo de Cristo e ao manto de Nossa Senhora, sendo utilizado para a fabricação de artesanato de cunho religioso. Este fato já havia sido documentado por Marques (1992) quando apresentou essa característica dos bagres encontrados na região da América Central, assim como foi objeto da Lei Estadual nº 8.440/2021 que tornou o peixe bagre Patrimônio Imaterial do estado de Alagoas.

Além dessas foram citadas espécies de peixes, como: a agulha, a ubarana (*Elops smithi*), o tibiuro (*Oligoplites palometa*), a pirambeba (*Serrasalmus* sp.), o bagre africano – espécie invasora, a piaba, o boca de cavalo (*Centengraulis eduntulus*), a tainha, a curimã, a tinga, o mororó, a xira (*Prochilodus* sp), o piau, o acari, a pescada, a curuca e a soia.

Entre as espécies exóticas citadas pelos entrevistados, a pirambeba (*Serrasalmus* sp.) é a que mais atrapalha e causa danos as artes de pesca e até aos próprios pescadores uma vez que rasgam as redes, mutilam os dedos dos pescadores e as espécies que estiverem no mesmo emalhe. Santos & Sampaio (2013) e Pompeu (1999) corroboram essas informações com registros da dieta das pirambebas e seu impacto negativo no cenário pesqueiro. A introdução de espécies exóticas em um ecossistema pode ocasionar mudanças no ambiente, como, por exemplo, a competição entre as espécies (BARBIERI *et. al*, 2007). No entanto, percebe-se que a tilápia também caracterizada como uma espécie exótica ao ambiente salobro, como o estudado, é uma espécie característica de águas doces, de bom valor comercial e que se adaptam facilmente nos ambientes aquáticos.

Importante destacar que as espécies que foram identificadas por especialista em laboratório estão com os devidos nomes científicos, as que não foram possíveis realizar a identificação estão apenas citadas como etnoespécies.

De acordo com os pescadores da comunidade pesqueira estudada, as causas da redução de pescado na laguna Manguaba estão relacionadas à poluição, seja por resíduos sólidos ou por esgotos domésticos, a desova irregular e a sobrepesca, concordando com o abordado por Nogueira & Sassi (2007) e Santos e Sampaio (2013), nas comunidades artesanais de Cajueiro da Praia –PI e Fernão Velho – AL, respectivamente.

## 6. CONCLUSÕES

A pesca artesanal é uma atividade que ocorre de forma familiar em todo o município de Pilar, sendo em sua maioria realizada como forma complementar à renda dos pescadores e contribuindo, direta e indiretamente, para a receita gerada no comércio local. Essa característica reflete o que a literatura científica aponta: a pesca artesanal no Brasil e no mundo é marcada pela forte ligação entre comunidade e recurso natural, exercendo papel econômico e social relevante, mas também permeada por vulnerabilidades estruturais (DIEGUES, 1993; BEGOSSI, 1996; FAO, 2022).

Um dos fatores críticos é a baixa escolaridade dos pescadores, evidenciada por relatos de evasão escolar na infância e adolescência, seja pela necessidade de auxiliar no sustento da família, seja pela falta de incentivo à educação por parte dos pais. Essa realidade local encontra respaldo no que a comunidade científica destaca sobre o setor: a limitação educacional restringe oportunidades de diversificação de renda e de maior inserção em políticas de manejo sustentável. Assim, é fundamental a atuação do poder público na geração de oportunidades de aprendizado para jovens e famílias ligadas à atividade pesqueira, promovendo melhores condições de escolaridade e fortalecendo o setor.

Em Pilar, a atividade pesqueira é diversificada, com predominância de espécies como carapeba, camurim e a exótica tilápia. O bagre, embora de grande relevância cultural, é uma espécie sazonal de baixo valor comercial e gastronômico. Além dos peixes, há captura de camarão e siri, o que mostra a amplitude da atividade e abre espaço para pesquisas que investiguem a sazonalidade do bagre, permitindo traçar estratégias de valorização comercial e gastronômica — algo igualmente discutido em estudos científicos sobre o potencial de espécies subvalorizadas em comunidades tradicionais.

Outro ponto de convergência com a literatura científica é a precariedade das condições de comercialização. Em Pilar, grande parte do pescado é vendido a atravessadores, chegando ao mercado público e à feira livre com quase nenhum tipo de conservação e a preços até três vezes superiores ao repasse recebido pelos pescadores. Espécies como mandi e bagre são especialmente desvalorizadas, e a vila dos pescadores, mesmo recém-construída, carece de espaço adequado para acondicionamento, tratamento e comercialização. Essa realidade reforça a necessidade, apontada em pesquisas, de investimentos em infraestrutura e políticas de apoio que garantam maior qualidade, melhores preços e segurança alimentar.

Também se destaca a utilização de artes de pesca legalmente proibidas, o que evidencia a carência de fiscalização e de campanhas educativas. Estudos sobre pesca artesanal ressaltam justamente a importância de ações participativas de educação ambiental para inibir práticas predatórias e assegurar a continuidade dos recursos pesqueiros.

Entre os desafios mais críticos, sobressaem a falta de apoio governamental e a poluição da Laguna Manguaba, comprometida pelo despejo de resíduos e esgoto, seja por falta de consciência da população, seja por ser receptora da carga poluidora de municípios pernambucanos ao longo do rio Paraíba do Meio. Esse cenário reforça o que a ciência já alerta: sem políticas públicas voltadas para a gestão das águas, o gerenciamento de resíduos sólidos e a educação ambiental, as comunidades pesqueiras tendem a enfrentar crescente insegurança econômica e alimentar.

Por fim, a análise conjunta mostra que a realidade de Pilar-AL se conecta diretamente com os principais achados da literatura científica: a pesca artesanal depende de políticas de manejo sustentável, de apoio técnico-governamental e da valorização do conhecimento ecológico local. Esse saber tradicional, transmitido entre gerações, constitui fonte essencial de informação para caracterizar a atividade pesqueira e deve ser incorporado em modelos de gestão participativa que fortaleçam tanto a preservação ambiental quanto a segurança socioeconômica das comunidades pesqueiras.

## 7. REFERÊNCIAS

- Alagoas. Secretaria de Estado da Pesca e Aquicultura - SEPAQ. Relação das Colônias de Pescadores do Estado de Alagoas. Disponível em: <http://www.pesca.al.gov.br/pescadores-colonias-e-associacoes/relacoes-das-colonias-dos-pescadores-do-estado-de-alagoas> Acesso em: Jun 2023.
- Alagoas. Lei nº 8.440, de 17 de junho de 2021. Considera patrimônio cultural imaterial do estado de alagoas, o “peixe bagre” do município de pilar. 2021.
- AMA. Associação dos Municípios Alagoanos. Municípios. Disponível em: <https://ama-al.com.br/pilar-prefeito-renato-filho-inaugura-vila-dos-pescadores-nesta-quinta-feira/> Acesso em Mar. 2025.
- Bahuchet, S. Esquisse de l'ethnoichthyologie des Yasa du Cameroun. *Anthropos*, v. 87, 1992.
- Blaber, S. J. M. Tropical estuarine fishes: ecology, exploitation and conservation. Queensland, Blackwell Science, 2000. 372p.
- Begossi, A.; Garavello, J.C. Notes on the ethnoichthyology of fishermen from the Tocantins river (Brazil). *Acta Amazonica*, Manaus, v. 20, p. 341-351, 1990.
- Begossi, A. Foods taboos Island (Brazil): Their significance and relation to folk medicine. *Journal of Ethnobiology*, Tacoma, v. 12, n. 1, p. 117-139, 1992.
- Begossi, A. Fishing activities and strategies at Buzios Island. In: World Fisheries Congress, Atenas. Proceedings of the WFC, fisheries resource and utilization, v. 2. p. 125-141, 1996.
- Calazans EM, Silva EM, Liro JS, Sampaio CLS. Pescadores Artesanais do Litoral de Alagoas: Socioeconomia e Acidentes de Trabalho Envolvendo Organismos Marinhos. *Revist. Port.: Saúde e Sociedade*. 2018;3(2):831-848.
- Calado, J. F. Pesca artesanal em Maracajaú-RN, Brasil: um abordagem etnoecológica. João Pessoa. UFPB/BC. 2010.
- Condini, M.V.; Garcia, A.M.; Vieira, J.P. (2007) - Descrição da pesca e perigo socioeconômico do pescador da garoupaverdadeira *Epinephelus marginatus* (Lowe) (Serranidae: Epinephelinae) no Molhe Oeste da Barra de Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. *Pan-American Journal of Aquatic Sciences* (ISSN:1809-9009), 2(3):279-287, Rio Claro, Brasil. Disponível em [http://www.panamjas.org/pdf\\_artigos/panamjas\\_2%283%29\\_279-287.pdf](http://www.panamjas.org/pdf_artigos/panamjas_2%283%29_279-287.pdf).
- Da Silva, D.F. & Souza, F.A.S. (2008) - Proposta de Manejo Sustentável para o Complexo Estuarino-Lagunar Mundaú-Manguaba (AL). *Revista Brasileira de Geografia Física* (ISSN 19842295), v. 1, n. 2, p. 78-79.
- Diegues, A.C. 1983. Conhecimento Tradicional e Apropriação Social do Ambiente Marinho. In: Plano de Manejo de Uso Múltiplo das Reservas Extrativistas Marinhas Federais (Orgs: Rodrigues, E.; Paula, A.C. & Medeiros y Araújo, C.) IBAMA/MMA, Brasília, 157p.
- Dos Santos, E.C. & Sampaio, C.L.S. (2013) - A Pesca Artesanal na Comunidade de Fernão Velho, Maceió (Alagoas, Brasil): de Tradicional a Marginal. *Revista de Gestão Costeira Integrada* (ISSN 1646-8872), 13(4):513-524 (2013). Recife Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/3883/388340143009.pdf>

Embrapa. Desempenho recente do Agro Nacional. Aquicultura, 2020. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/visao-de-futuro/trajetoria-do-agro/desempenho-recente-do-agro/aquicultura>> Acesso em Fev. 2025.

FAO. Fao no Brasil. Disponível em <https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1696371/> Acesso em Jan. 2025.

FAO. FAO releases the most detailed global assessment of marine fish stocks to date. [https://www.fao.org/newsroom/detail/fao-releases-the-most-detailed-global-assessment-of-marine-fish-stocks-to-date/en?utm\\_source=chatgpt.com](https://www.fao.org/newsroom/detail/fao-releases-the-most-detailed-global-assessment-of-marine-fish-stocks-to-date/en?utm_source=chatgpt.com) Acesso em Jul. 2025.

Gabor, M.R. (2007) - Types of non-probabilistic sampling used in marketing research. “Snowball Sampling”. *Journal Management & Marketing* (ISSN: 1472-1376) 2(3): sem paginação. Disponível em <http://www.managementmarketing.ro/pdf/articole/72.pdf>

JUCÁ, Lorena Braga Quintella. Avaliação de métodos de correção atmosférica para Sentinel-2 em um sistema estuarino-lagunar tropical. Universidade Federal de Alagoas. Centro de Tecnologia. Maceió, 2020.

Lacerda, C. H. F.; Barletta, M.; Dantas, D. V. Temporal patterns in the intertidal faunal community at the mouth of a tropical estuary. *Journal of Fish Biology*, 2014.. v. 85, p. 1571-1602.

Lima, B.B.; Velasco, G. (2012) - Estudo piloto sobre o autoconsumo de pescado entre pescadores artesanais do estuário da Lagoa dos Patos, RS, Brasil. *Boletim do Instituto de Pesca* (ISSN: 1678-2305), 38(4):357-367, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em [ftp://ftp.sp.gov.br/ftpcesca/38\\_4\\_357-367.pdf](ftp://ftp.sp.gov.br/ftpcesca/38_4_357-367.pdf).

Maranhão, T. P. Náutica e classificação ictiológica em Icarai, Ceará: um estudo em antropologia cognitiva. Tese (Mestrado) - Universidade de Brasília, Brasília, 1975.

Marques, J.G.W. (1992) - Aspectos ecológicos na etnoictiologia dos pescadores do Complexo Estuarino – Lagunar Mundaú-Manguaba, Alagoas. 280p., Tese de Doutorado, Universidade de Campinas, Campinas.

Marques, José Geraldo W. Pescando pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica. / . 2.ed. -- São Paulo: NUPAUB-USP, 2001.

Marques, J.G.W. Etnoictiologia: pescando pescadores nas águas da transdisciplinaridade. *Revista Ouricuri*, Juazeiro, v. 2, n. 2, p. 9-36, 2012.

MMA. Ministério do Meio Ambiente, 2005. Plano de Ações e Gestão Integrada do Complexo Estuarino-Lagunar Mundaú/Manguaba (CELMM), Disponível em: [www.ana.gov.br](http://www.ana.gov.br). Acesso em: fev. 2025.

MMA. Ministério do Meio Ambiente. Gerenciamento Costeiro Brasileiro. Disponível em: <https://antigo.mma.gov.br/gestao-territorial/gerenciamento-costeiro.html> Acesso em: jun. 2025.

Montenegro, A., Montenegro, H. (2021). Análise comparativa do ciclo de vida de um sistema de pesca artesanal versus industrial com diferentes cenários de preservação na província de Santa Elena [Dissertação de mestrado]. Escola Politécnica da Costa.

MPA. Ministério de Pesca e Aquicultura. Painel Unificado do RGP. Disponível em: <<https://www.gov.br/mpa/pt-br/assuntos/cadastro-registro-e-monitoramento/painel-unificado-do-registro-geral-da-atividade-pesqueira>> Acesso em Fev. 2025.

- Nascimento, M.S.V.; Sassi, R. (2007) - Análise da atividade pesqueira e das condições socioeconômicas dos pescadores artesanais de Cajueiro da Praia, Estado do Piauí, Brasil. *Gaia Scientia* (ISSN: 1981-1268), 1(2):141-154, João Pessoa, PB, Brasil. Disponível em <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/gaia/article/view/2270/1996>.
- Novais, J. F. F. de (2022) - Monitoramento de glifosato no Complexo Estuarino Lagunar Mundaú-Manguaba (CELMM) por cromatografia de íons com supressão química e detector de condutividade. 102 f. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Tecnologias Ambientais) Campus Marechal Deodoro, Instituto Federal de Alagoas, Marechal Deodoro.
- Paz, V.A. & Begossi, A. (1996) - Ethnoichthyology of Gamboa fishers of Sepetiba Bay, Brazil. *Journal of Ethnobiology* 16(2):157-168 (1996). Campinas. São Paulo. Disponível em <https://ethnobiology.org/sites/default/files/pdfs/JoE/16-2/PazandBegossi1996.pdf>
- Pompeu, P. S. (1999) - Dieta da pirambeba *Serrasalmus brandtii* Reinhardt (Teleostei, Characidae) em quatro lagoas marginais do rio São Francisco, Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia* (ISSN: 0101-8175), 16(2):19- 26. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-81751999000600003>.
- Posey, D.A. Introdução: etnobiologia: teoria e prática. In: Ribeiro, D. (Ed.). *Suma etnológica brasileira: 1: Etnobiologia*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- Rare Brasil. Pesca para sempre no Brasil. Disponível em <https://rare.org/program/pesca-para-sempre-no-brasil/> Acesso em Mar. 2025.
- Rezende, P. C., Oliveira, I. M. Descrição socioeconômica dos pescadores no baixo São-Francisco, Nordeste-Brasil. *Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE - Ano XVII - Edição especial - Dezembro de 2015*. Salvador, BA – p. 671 – 689.
- Sampaio, L, A. Reprodução e larvicultura do Peixe Rei marinho. *Revista Panorama da Aquicultura*. Edição 59 – junho de 2020.
- Santo, A. R. S.do E. (2009) - Caracterização sazonal dos balanços de radiação e energia no Complexo Estuarino Lagunar Mundaú-Manguaba (Alagoas). Dissertação (Mestrado em Meteorologia: Processos de Superfície Terrestre. Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Atmosféricas. Maceió. Alagoas.
- Silva, G.O. Tudo que tem na terra tem no mar: a classificação dos seres vivos entre trabalhadores da pesca em Piratininga, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore, 1989.
- Silva, T. C . L.; Ferreira, B., *Rev. Geociênc. Nordeste, Caicó*, v.7, n.2, (Jul-Dez) p.68-79, 2021.
- Seafood Brasil. Pesca. Disponível em: <https://seafoodbrasil.com.br/com-base-em-sisrgp-boletim-prohort-traca-perfil-do-pescador-no-brasil> Acesso em Fev. 2025.
- The Business Reseach Company. Fishing Global Market Report. 2025. [https://www.thebusinessresearchcompany.com/report/fishing-global-market-report?utm\\_source=chatgpt.com](https://www.thebusinessresearchcompany.com/report/fishing-global-market-report?utm_source=chatgpt.com) Acesso em jul. 2025.
- Ticianeli. Pilar do Engenho Velho. História de Alagoas, 2016. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/pilar-do-engenho-velho.html>. Acesso em: 17 maio 2025.

## 8. APÊNDICES

### APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO LIVRE

O participante de pesquisa tem o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, podendo também se retirar da pesquisa a qualquer momento.

#### Conhecimento local sobre os peixes

Local da entrevista:

Data da entrevista:

Nome do entrevistado:

Idade:

Sexo:

Tempo de experiência na pesca:

Local de nascimento:

1. Onde reside? Há quanto tempo?

#### Conhecimento e práticas de pesca

2. Você pode descrever como começou sua jornada na pesca? Quais foram suas inspirações?
3. Mais alguém da família pesca ou ajuda na atividade pesqueira? Quem?
4. Quais são as espécies mais comuns que você captura na Laguna Manguaba e como você as identifica?
5. Quais técnicas de pesca você considera mais eficazes na lagoa? Pode nos explicar um pouco sobre cada uma delas?
6. Como as condições ambientais (como clima, poluição e presença de algas) afetam sua atividade de pesca?
7. Qual a melhor época para desenvolver a atividade da pesca aqui na região?

#### Desafios e Mudanças

6. Quais desafios você enfrenta atualmente na pesca artesanal? Como você lida com eles?
7. A pesca é a única fonte de renda da sua família?
8. Você percebeu mudanças na quantidade e na variedade de peixes ao longo dos anos? O que você atribui a essas mudanças?
9. Como a regulamentação da pesca impacta seu trabalho? Você acredita que as regras atuais são justas?

**Comunidade e Sustentabilidade**

9. Qual é a importância da pesca artesanal para a sua comunidade?
10. Você está envolvido em alguma atividade de preservação ambiental ou de conscientização sobre a pesca sustentável? Se sim, como?
11. Você sabe o que significa “período defeso”? Você acha que os pescadores respeitam esse período?
12. O que você acha que poderia ser feito para melhorar a sustentabilidade da pesca na Laguna Manguaba?

**Considerações Finais**

12. Você tem alguma história ou experiência marcante relacionada à pesca que gostaria de compartilhar?
13. Que conselhos você daria para os jovens que estão interessados em seguir a carreira de pescador?
14. Há algo mais que você gostaria de comentar sobre a pesca ou a Laguna Manguaba?
15. Você tem indicação de algum outro pescador tradicional na região para participar da pesquisa?

## APÊNDICE B - ROTEIRO PARA RODA DE CONVERSA

O participante de pesquisa tem o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, podendo também se retirar da pesquisa a qualquer momento.

Local da roda de conversa:

Data:

### Abertura (15 minutos)

- **Boas-vindas e apresentação da pesquisadora.**
- **Objetivo da roda de conversa:**
  - Obter informações sobre a pesca artesanal na comunidade pesqueira do município de Pilar.
  - Discutir desafios, práticas e a importância da pesca para a comunidade estudada.
- **Apresentação dos participantes:**
  - Cada pescador se apresenta brevemente (nome, tempo de pesca, local de residência).

### 2. Tema 1: Práticas de Pesca (30 minutos)

- **Pergunta inicial:**
  - Quais são as principais espécies que vocês pescam na Laguna Manguaba?
- **Subtemas para discussão:**
  - Técnicas de pesca utilizadas.
  - Equipamentos e ferramentas preferidos.
  - Embarcações utilizadas.
  - Histórias de captura memoráveis.

### 3. Tema 2: Desafios e Mudanças (15 minutos)

- **Pergunta inicial:**
  - Quais desafios vocês enfrentam atualmente na pesca artesanal?
- **Subtemas para discussão:**
  - Impacto das condições climáticas e ambientais.
  - Alterações nas regulamentações de pesca.
  - Concorrência e impacto da pesca comercial na atividade desenvolvida.

### 4. Tema 3: Comunidade e Sustentabilidade (20 minutos)

- **Pergunta inicial:**
  - Como a pesca artesanal influencia a vida da comunidade local?
- **Subtemas para discussão:**
  - Importância cultural e econômica da pesca.
  - Ações para promover a sustentabilidade da pesca na região.
  - Envolvimento em cooperativas ou associações de pescadores.

### APÊNDICE C - ROTEIRO PARA TURNÊ GUIADA

O participante de pesquisa tem o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, podendo também se retirar da pesquisa a qualquer momento.

Itinerário da turnê:

Data:

Envolvidos na turnê:

08h – Chegada ao ponto de encontro

- Recepção dos participantes da turnê
- Breve introdução sobre a Laguna Manguaba e sua importância para a pesca artesanal.

08h30 – Visita ao mercado de peixes local

- Exploração do mercado, onde os pescadores vendem seus produtos.
- Interação com pescadores e comerciantes, com percepção da variedade de peixes e frutos do mar.

10h – Atividade de pesca artesanal

- Saída em canoas para uma atividade prática de pesca com pescadores locais.
- Demonstração de técnicas e apetrechos de pesca artesanal

12h – Parada para o almoço

13h - Roda de conversa com os pescadores

- Discussão sobre práticas de pesca, desafios enfrentados e histórias locais.
- Discussão sobre a experiência da atividade de pesca

14h – Agradecimento e encerramento

#### **APENDICÊ D – INSTRUMENTO PARA REGISTRO FOTOGRÁFICO**

Para registro fotográfico serão utilizados câmera fotográfica e aparelho de celular, sendo os arquivos registrados por aplicativo e descarregados em laboratório do grupo de pesquisa da Instituição de ensino.

## **APÊNDICE E – INSTRUMENTO PARA GRAVAÇÃO**

Para gravação, nas entrevistas, roda de conversa e turnê guiada, será utilizado aparelho de celular, sendo os arquivos registrados por aplicativo e descarregados em laboratório do grupo de pesquisa da Instituição de ensino.

**Desafios Enfrentados**

9. Quais são os principais desafios que você enfrenta na pesca? (marque todos que se aplicam)
- Condições climáticas
  - Poluição
  - Desova irregular
  - Concorrência
  - Falta de apoio governamental
  - Outros: \_\_\_\_\_
10. Como a pesca artesanal tem mudado ao longo dos anos?

**Impactos Socioeconômicos**

11. Você considera que a pesca artesanal é suficiente para sustentar sua família?
- Sim
  - Não
  - Em parte
12. Você ou alguém de seu grupo familiar faz parte de algum programa de benefício do governo?
- Sim  
 Não  
Se sim, qual? \_\_\_\_\_
13. Você participa de alguma cooperativa ou associação de pescadores?
- Sim
  - Não
  - Se sim, qual? \_\_\_\_\_
14. Quais são os benefícios de estar em uma cooperativa ou associação?

**Considerações Finais**

15. O que você gostaria que fosse feito para melhorar as condições da pesca artesanal na Laguna Manguaba?
16. Você tem alguma outra informação ou comentário que gostaria de adicionar sobre a pesca na região?

